

Águas Internacionais



Espalhei o meu coração no asfalto sempre que pude. Não quero ser rude, mas é assim que penso e que ajo ainda, ainda que nem sempre deva, mas ajo, eu acho que sim, é assim que tem que ser. Apocalipso imenso quieto num canto. Estreito, acuado e sem jeito, mergulhado até o gogó no prejuízo. Não sei de nada, não sei, repito e pito ininterruptamente nos dias mais quentes do mês - nos frios, não. O sossego é feno nesse tenso ambiente, recosto a carcaça e aproveito a viagem. Em poucos dias, rezo, chegará Frembentes, e lá serei enfim quem sempre quis ser. Ou quem eu quiser. O que vier primeiro.

Os demais passageiros se demoram nos olhares a mim. Lambo os bigodes tomando sopa mesmo assim. Bailo solito no convés enegrecido de trago às meias-noites. Chamo a lua pelo nome. Me desaprova o Capitão, isso eu vejo no olhar maduro que me atira. Um peso de morte faísca nas orbes, que rolam torcidas por dentro da cabeçorra compacta e forte, os maxilares ardendo em brasa no sangüíneo das barbas, as arcadas lascando-se entre si em fúria morna. As bigornas latejando ao som das baleias, das sereias e dos fantasmas dos piratas, insistentes a cantar.

Eu procuro não chorar de saudades de casa toda vez que corto os cabelos e os dedos aos golpes de faca. Essa navalha negociei numa janta outro dia. Dei-lhe um pouco das sementes que comigo trazia. Desvalorizaram por vir na tanga. Alternativa outra não me havia, senão parece claro supor que em outro lugar as traria. Pois não pude. Então não veio. Não houve uma compreensão, então perdi. Algo perto de metade da metade do lucro pretendido. Já é preocupante para todo e qualquer transeunte. Pra mim é mais: não sei porque estou aqui, mas sinto-me certo de que aqui não pertença.

Eles todos se parecem. Em feições. Nos hábitos. Na conversa que tramam. Na língua que falam. Comunico-me por gestos desde que acordei e comecei a perceber o mundo. Não me cobrem o peito grossos fios crespos, nem se pode dizer do meu nariz que é adunco. É grego meu perfil. Período Helênico. Meio barroco. Eles, todos aquilinos e atléticos, comem tâmaras e ameijoas. Um dia as frutas vão acabar, eu sempre penso. Eles despreocupam. Parecem bastante crentes de que terão o suficiente para comer até Frembentes. Eu, de tudo, prefiro os mexilhões e evito, por princípio, os berbigões. Eles devoram qualquer coisa.

Usam barretes, carecas e são mulheres. Alguns. Crianças. Bem poucos. Uns vinte, talvez. Lhes falta algo de quente aos rostos. Os olhos são breves e fracos, as bocas mal se movem enquanto falam, os ouvidos balançam ao me escutar. Não riem nem sorriem e pranteiam copiosamente como se para seguir vivendo isso fosse absolutamente indispensável. Estão sempre imundos, não importando quantas vezes se utilizem dos lavabos por dia. Há muito de podre em suas peles, algo que verte de seus poros não está totalmente certo. Não está nada certo.

Não tenho a mínima idéia de quem sejam. Não entendo uma palavra do que falam, ainda que às vezes ache os fonemas por demais

familiares aos meus pavilhões. Um sábado anoiteceu mais cedo e eu ouvi que todos diziam 'falocentrismos' quando enxergavam o mar, lindamente dourado pela curiosa coloração lunar. Já tentei aprender os substantivos e verbos mais básicos os observando, mas não consigo entender a lógica da sua gramática. É como se as palavras mudassem de significado a cada nova frase, num randomismo semiótico enervante e assustador. É como se, a cada novo raciocínio, não só o código, mas também todos os seus elementos se alterassem por inteiro e, ainda assim, todos fossem capazes de entendê-los perfeitamente.

São como formigas no trabalho: lavoram incansáveis sem que exista viv'alma a vigiar-nos. Utilizam-se de um depósito formidável de madeira escondido no porão para construir uma estrutura assombrosamente complexa, cuja finalidade foge completamente ao meu entendimento. Vejo-os submetendo a máquina a um sem-número de provas dia após dia, sem ter qualquer idéia, entretanto, do que, afinal de contas, testam.

Assim como eu, o Capitão nada faz para interferir na produção. Não parecem vir dele as ordens que aqueles trabalhadores todos cumprem, rigorosos e compenetrados na sua execução, quase tementes aos possíveis destinos que aguardavam os que não se dedicarem com afinco àquela tarefa. Penso às vezes que fala minha língua, o Capitão. Mas ele não diz nada. Nem pra mim nem pra nenhum deles. Talvez fale ainda uma terceira língua e não entenda nem a mim nem a eles. Mas como ele sabe este tanto de mim não sei: nunca o ouvi tentar. Aliás, o que presumo dele também é baseado em nada: senti-me desde sempre intimidado pela sua figura corpulenta e séria atravessando os corredores entre os cômodos, impávido como um transatlântico sobre o pacífico. Jamais lhe dirigi a palavra. Jamais lhe dirigi um olhar de mais perto, com medo de ser

flagrado fitando-lhe os olhos. Fritar-me-ia em óleo quente, estimo. Há algo de verdadeiramente selvagem na sua figura e, por isso, conservo distância respeitosa.

Abstenho-me de eventuais enfrentamentos, esperançoso de viver o necessário para chegar a Frembentes. Única entre todas as palavras cambiantes dos soturnos que mantém a significância, certamente representa algum tipo de xangrilá. Um paraíso. Um nirvana. Um oxalá. Um axé. Um éden. Um epahei. Um eita. Um oia. Um upa. Um oba. Um alapucha, até. Um lugar onde, definitivamente, se quer estar.

André Cardoso Czarnobai



Águias Nacionais



'e teu courier, tá bom?'
'tava uma merda, daí comprei um new.'

'new wrana? aspirina no courier dela.'

'eu sou o caminho, a verdade e a vida.'
'ah, finalmente a boa new.'
'sei não. eu se fosse esse barbudo aí tava era couriando.'

Diego Bituca



Frigobar



- Isso boiando é espinafre?
- Não, é courier.
- Como?
- Come.
- Não sem saber o que é.
- É courier, delícia.
- Delícia foi pelo tratamento ou pra adjetivar a verdura?
- Como?
- Quero saber se é bom, é ótimo, ou se o delícia foi pra mim.
- Você eu não sei julgar, nunca comi.
- Não comeu por que não quis.
- É que vegetal por vegetal, prefiro courier.
- Engraçadinho.
- Bom, se for ruim, ao menos é bom pros olhos. Experimenta.
- Agora não adianta, a placa que era pra eu ver já não vi.
- Talvez ajude a escrever o testamento.
- Engraçadíssimo, engraçadíssimo.
- O fato é que comida de hospital é sempre igual, fada.
- Tomara que essa seja venenosa.

Eduardo Menezes



Breve Homenagem a Howard Kettler



O primeiro dia de fevereiro de 2004 foi um dia quente, para o inverno do norte ao menos. Mas também foi um domingo, o que necessariamente transpõe essa pequena narração para o próximo dia. O segundo dia de fevereiro de 2004 não foi tão quente, mas justas razões do calendário escolar nos fizeram falar sobre este e não o anterior.

Segunda-feira, nove da manhã, e Howard Kettler, um jovem de 13 anos de idade, entregava seu trabalho final para a aula de história na pacata cidade de Shelby, Carolina do Norte. De pé, diante da professora, balbuciava incompreensível enquanto era reprimido por sua má escolha de fontes. Deve ser porque recém haviam cantado o hino, e mal.

"Uma carta pode ser apenas um mensageiro comum, ou ela pode ser o courier que radia dignidade, prestígio e estabilidade," protestou o aluno àquela magrinha de óculos triangulares que exigia Times New Roman 14. Não era sua a frase, obviamente, mas gostara tanto daquele ímpeto conservador que precisava aproveitar a oportunidade.

"O seu trabalho sobre a guerra de secessão não pode..." Aquela magrinha de óculos triangulares tinha um jeito de pronunciar secessão que fazia seus lábios incharem. Secessão. Isso arruinou qualquer discussão futura sobre o assunto.

Foi correndo pra casa e largou a vida de republicano. Descobriu o modernismo de Frutiger, entrou para o maravilhoso mundo encantado das drogas e abstraiu as serifas de sua vida. Passou o resto da juventude tentando disseminar a Univers pelos arredores do bairro.

Cartazes vendendo máquinas de lavar e oferecendo serviços de babá, desses afixados com grampeador e picotados na base. Até porque a Courier ficava um lixo a 75°.



Curra se Puder



Eu sempre fico meio assim de sair com quem eu não conheço. O que que eu vou dizer? Puxar assunto é a pior coisa do mundo. Tu não conhece a Denise? Bem legalzinho esse bar, né? Ah, tu gosta de vinho suave?

Paciência. Não dá pra desperdiçar uma chance dessas. Chego no bar meia hora antes, que é pra pedir uma cerveja e ficar coçando as mãos sem parar. Hábito eterno. Dez minutos depois ela aparece. Vou ter que parar de me coçar. Merda.

Bem gata, ela. Encorpada como deve ser, com lugar pra agarrar e tudo. Clássica, sem dúvida. Peço mais uma cerveja mesmo sem ter acabado a primeira, graças ao nervosismo. Ela sabe que eu tô suando, gostosa sempre sabe dessas coisas.

Engulo cada gole de cerveja como se Fruki fosse. Tudo pela noite agradável que se desenha. A conversa flui maravilhosamente, apesar da timidez tradicional. Quando resolvo olhar o relógio, já são quatro da manhã. Hora de ir pra casa. Mas qual?

Ela pergunta se eu não quero ir pra casa dela. Perfeito. Assim não vou precisar lavar o lençol. Concordo sem hesitar, pela primeira vez na noite. Pago a conta no balcão, pra ela não ver que só tenho moedas na carteira. Decadência.

Chegando no apartamento, não me faço de rogado. Tiro coragem do dedão do pé e me grudo nela pra valer, não deixando tempo pra uma possível reação adversa. Agora não tem mais volta. Hoje vai ter coisinha das boas. Ah, se vai.

Arrasto-a pela sala até encontrar uma mesa de jantar. Muita coisa em cima. Vários jornais empilhados e folhas de papel por todo lugar. Hum. Legal. Jogo a toalha de crochê e o vaso bagaceiro no chão e mando ver sem piedade. Uso todo o poder dos dedos pra fazer um trabalho exemplar. Beleza pura. Acabo com ela rapidinho, literalmente.

Delícia total. Eu sempre quis escrever um Poema no Ônibus em Courier. Agora a Carris não me ignora mais. Isso é que é corpo! Melhor eu ir embora logo. Te vejo por aí, nos coletivos da vida.



A Fonte da Juventude



ELA: Ah, então, a gente quer descobrir que fontes os jovens estão usando.

ELE: Como?

ELA: Tipo, nesses sites deles, de internet, que fonte eles usam pra escrever.

ELE: A letra?

ELA: É, qual fonte tem a cara do jovem hoje atualmente, entende?

ELE: Sei.

ELA: Porque, nossa, se você fala com o jovem, tem que ser de igual pra igual, saca?

ELE: Saco.

ELA: Você tem que entrar no mundo dele, tem que ser ele, tem que estar na pele dele.

ELE: Na pele.

ELA: E por isso a gente cerca ele por todos os lados, é trezentos e sessenta graus.

ELE: Graus.

ELA: Muito profundo. Vamos mapear o comportamento dele, tabelar tudo isso.

ELE: Tudo.

ELA: E por isso a gente precisa saber a fonte dele, para ele não achar que... né?

ELE: É.

ELA: Que a gente é um bando de careta querendo falar com ele, um bando de velho.

ELE: Bando.

ELA: Por que o que a gente quer é entender o jovem. O jovem do século 21.

ELE: Claro.

ELA: Ele é hiperconectado, ele tá sempre na internet, no celular, vendo TV.

ELE: TV.

ELA: Ele é dinâmico, é arrojado, é ansioso, o que não existe ele cria.

ELE: Cria.

ELA: E não tem essa de tribo. Jovem não quer estar em tribo, manja?

ELE: Manjo.

ELA: Mas ao mesmo tempo ele é solidário, politizado, muito antenado em tudo.

ELE: Muito.

ELA: O jovem, ele quer ser independente, ele quer ser o bam-bam-bam da turma.

ELE: Bam-bam-bam?

ELA: Bam-bam-bam. ELE: Sei.

ELA: Tá rindo de quê, menino?

ELE: Nada.

ELA: Eu, hein. Olha, eu, por mim, estudava jovem até morrer. Já sabe a fonte?

ELE: Courier. ELA: Como assim? Courier? Olha pra mim quando eu falo com você, garoto!

ELE: Eu olho.

ELA: Courier é de máquina de escrever, não é nada jovem. ELE: Por

isso.

ELA: Porque não é jovem, então é jovem? Porque jovem é inesperado, é surpreendente?

ELE: É.

ELA: O jovem não vai querer uma fonte que todo mundo saiba que é jovem! Não vai!

ELE: Não.

ELA: Ele se apropria da Courier e transforma em coisa dele. Agrega valor e redimensiona.

ELE: Isso.

ELA: Muito bom! Tá aprovado. Vou passar pra criação.

ELE: Beleza.

ELA se afasta.

ELE: Bam-bam-bam. (suspiro apaixonado)

